

O arquipélago “literopintado”: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde

Simone Caputo Gomes*

Resumo

Este artigo tem por objetivo estudar a representação de Cabo Verde pela literatura de autoria feminina, que retrata – lê, pinta, desenha, esculpe, escreve, imagina – suas belas paisagens, seu cotidiano popular, seus perfis de mulher, sua riqueza cultural.

Palavras-chave: Literatura feminina; Cabo Verde; Representação cultural.

Mulheres e cotidiano em Cabo Verde

De como elas se entregam aos dias...

(Dina Salústio)

Em Cabo Verde, grande número de famílias tem por chefe uma mulher. Fatores econômicos, sociais, culturais e a emigração masculina têm impactado diretamente a fragilidade da família, com conseqüente instabilidade da mulher e dos filhos menores. Por conseguinte, o investimento na promoção da condição feminina tem efeitos multiplicadores que se estendem da família à nação. Hoje, Cabo Verde totaliza grande número de mulheres dentre seus ministros de Estado, dado que, por si, já documenta a importância daquele investimento nestes 35 anos de independência.

Os dados do último censo indicam que a maioria das famílias cabo-verdianas habita as zonas rurais, particularmente tocadas pela pobreza, apresentando ainda baixo nível de instrução, escolarização e formação profissional. Cerca de 80% dos filhos nascem fora do casamento e, em 14% das famílias, a mãe solteira sustenta a casa e a família numerosa. Nas zonas rurais, mais de 60% dos chefes de família são mulheres e metade delas conduz explorações agrícolas; as demais são assalariadas nas cooperativas, no comércio e nas Frentes de Alta Intensidade de Mão de Obra – FAIMO, nas quais representam 60% em domínios como florestação, conservação de solos e águas.

* Universidade de São Paulo – USP.

No que concerne à Educação, do total de analfabetos, a mulher representa cerca de 60% e, das mulheres chefes de família, 62,5% não têm qualquer instrução. O nível de escolarização impacta fortemente a variável natalidade, havendo uma diferença de quatro entre o número de filhos das mulheres menos instruídas e mais instruídas.

Quanto à estrutura demográfica, Cabo Verde apresenta, segundo o último censo, uma tendência para o equilíbrio dos sexos, ou seja, à nascença há uma proporcionalidade entre os sexos. Mas a situação de vantagem do homem em relação à mulher na sociedade crioula é patente, derivada das referências ideológicas e dos valores cultivados num passado histórico e num ordenamento jurídico não muito distante, que impunham a superioridade masculina.

Ao aderir em novembro de 1979 à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação em Relação às Mulheres – CEDAW, Cabo Verde acolheu no seu ordenamento jurídico um dos instrumentos necessários para a materialização de sua política de assegurar que as mulheres tenham direito ao mesmo tratamento dispensado aos homens, já que sempre estiveram presentes, participaram e lutaram juntamente com eles para o nascimento e consolidação do país.

A evolução da condição feminina crioula acompanhou a trajetória histórico-política em Cabo Verde. Em passos rápidos, caminhamos com ela.

Num primeiro momento, em virtude das questões coloniais, a mulher era impedida de extravasar o limite do trabalho doméstico, cabendo ao homem o poder de decisão na gestão do lar e na educação dos filhos. Depois, com a emigração em massa proveniente do declínio das condições de vida no Arquipélago, na ausência do homem a mulher obrigava-se a ser chefe, gestora da economia familiar e representante dos negócios do marido – inclusive poupança e aplicação das remessas oriundas da emigração. Num terceiro momento, decorrente do seu bom desempenho nas tarefas mencionadas, a mulher passou a acumular tarefas e papéis que ultrapassavam a condição de mulher-mãe, lançando-se de forma mais efetiva no espaço público.

Atualmente, já encontramos em Cabo Verde mulheres trabalhando na estiva, na construção civil, nas forças de segurança pública, na venda de água em chafarizes, na produção agrícola, na pecuária, nos trabalhos em estradas – redutos considerados anteriormente como exclusivamente masculinos – lado a lado ao desempenho de serviços de doméstica, servente (97% de mulheres nas FAIMO), vendedora de pescado ou de hortícolas, cabeleireira, costureira, bordadeira, doceira, considerados tradicionalmente como trabalhos femininos. Nos setores da

indústria de confecções, de calçados, extrativa e de conserva de peixes a mulher representa o maior volume de mão de obra, apesar da importância reduzida dessas indústrias no PIB (11%). Quanto a cargos de decisão, a presença da mulher é ressaltada nas atividades de serviços (comércio, hotelaria, restauração), indústria extrativa, serviços sociais e coletivos.

A trajetória política de Cabo Verde fornece-nos também subsídios para destacar as ações afirmativas no que diz respeito às conquistas da mulher nos campos social, político e jurídico.

Na Primeira República (1975 a 1990), a Organização das Mulheres de Cabo Verde – OMCV, criada em 1981 com base nos princípios políticos do Partido Africano da Independência de Cabo Verde – PAICV – e composta por mulheres que participaram no processo de luta pela independência de Cabo Verde, contribuiu decisivamente com suas intervenções para que o processo de igualdade se refletisse nas áreas da sobrevivência, saúde, educação, economia, informação e formação. Hoje constitui uma organização não governamental, que insiste na sensibilização da sociedade crioula para que se valorize o papel da mulher no processo de desenvolvimento.

Na Segunda República, após a abertura política e a realização das eleições pluripartidárias (1991) vencidas pelo Movimento Para a Democracia – MPD, atribuiu-se à mulher maior protagonismo ao incrementarem-se políticas especialmente dirigidas a ela no III Plano Nacional de Desenvolvimento: maior integração das mulheres no processo de modernização da agricultura; desenvolvimento do emprego feminino e das cooperativas de mulheres; acesso ao crédito e criação de projetos de desenvolvimento para mulheres; adaptação da escola às condições socioeconômicas das mães; desenvolvimento do ensino pré-escolar como um direito da criança e forma de libertar as mães para o trabalho fora do lar; e representação equilibrada nos órgãos legislativos e de decisão.

Com a abertura política, inúmeras associações foram criadas pela sociedade crioula para discutir a problemática da mulher cabo-verdiana, dentre as quais se destacam a Associação de Apoio à Auto-Promoção da Mulher no Desenvolvimento – MORABI, em 1991, e a Associação das Mulheres Empresárias, em 1992. Em 1994 foi criado o Instituto da Condição Feminina – ICF, com a finalidade de integrar efetivamente a mulher em todos os domínios da vida social, econômica e política e no desenvolvimento autossustentado do país. Em 1995, Cabo Verde participou da Conferência Mundial de Beijing e adotou a Declaração e o Plano de Ação Mundial para as Mulheres. A partir desse evento, o Governo de Cabo Verde traçou como objetivos: prevenção para reduzir a maternidade precoce e a

paternidade irresponsável; aumento dos rendimentos das famílias chefiadas por mulheres; e aumento da atenção da sociedade cabo-verdiana à problemática da “condição” feminina.

O Plano de Ação Nacional das Mulheres (1996-2000) definiu como prioridades o reforço da capacidade institucional; o desenvolvimento rural e da pesca; a educação, a formação e o emprego; o atendimento à saúde e a garantia dos direitos reprodutivos; a mulher e a informação/comunicação; a mulher e a emigração. O Plano Nacional de Desenvolvimento (1997-2000) propôs ações para eliminar os obstáculos à participação ativa da mulher cabo-verdiana nos espaços público e privado, por meio de uma estratégia que residia nas relações de gênero, concorrente para conduzir progressivamente a uma parceria entre homens e mulheres. A aprovação da lei que estabeleceu a fixação de cotas para mulheres nos partidos políticos e o programa de incentivo às iniciativas do empresariado jovem, prevendo bonificação maior quando no capital social das candidaturas apresentadas a maioria fosse detida por mulheres, são exemplos da eficiência daquelas ações.

O Plano Nacional de Luta contra a Pobreza, elegendo a mulher como destinatário privilegiado, destaca os seguintes eixos: promoção da integração das mulheres pobres nos circuitos econômicos; reforço da capacidade da mulher em desenvolver microempresas e atividades geradoras de rendimento, através da formação e informação; promoção do acesso da mulher aos meios produtivos e a outros recursos pelo microcrédito; ações para melhorar a competitividade da mulher e das jovens, em especial, no mercado de trabalho, através de adequada educação e formação profissional.

Mesmo com todas essas conquistas, subsistem social e culturalmente diversas formas de limitação que impedem à mulher a cidadania plena. O labor doméstico não é incluído nas estatísticas nacionais como força de trabalho, assim como a agricultura doméstica produzida não é contabilizada no PIB. A violência familiar é outro obstáculo e a persistência da prostituição, do turismo sexual e do tráfico de mulheres agrava o quadro da violência na sociedade cabo-verdiana, sendo a coação sexual muitas vezes praticada em casa, o que ocasiona um índice elevado de homicídios e ofensas corporais graves aos companheiros, praticados por mulheres constantemente espancadas. Maternidade precoce, aborto clandestino, filhos sem pai, alcoolismo e até loucura são algumas consequências cerceadoras da emancipação feminina abstraídas do contexto psicossocial que envolve a mulher crioula.

A Literatura não poderia estar alheia às mudanças históricas. Centramos, por isso, a nossa pesquisa na escritura de autoria feminina em Cabo Verde, partindo

do pressuposto de que ela objetiva, sobretudo, dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres crioulas. Observemos como os textos literários femininos recortam e escrevem a nação Cabo Verde, à luz da síntese contextual apresentada no início deste trabalho com o intuito de facilitar, especialmente, o caminho do leitor não iniciado nos estudos cabo-verdianos.

As mulheres leem e escrevem (n) o arquipélago: “imagens de vidas vividas”

Imagens que reconheço mas que a câmara não captou como eu vi, como vejo ainda. Outro olhar. (...) Eu, a mulher, questionando os papéis que a sociedade me impõe. (Sara Almeida)

Em nossa investigação temos detectado um mosaico de olhares femininos sobre a realidade das ilhas e sobre as mulheres das ilhas, expressos em poesia ou em prosa. A escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde tem procurado empreender a viagem ao espaço crioulo, notadamente aos “mundos” habitados e criados pela mulher, que têm por base a casa como metáfora nuclear, e, ainda, a imersão no privado e no pessoal.

De Antónia Gertrudes Pusich (S. Nicolau, 1805-1883), referida por Manuel Ferreira como uma das primeiras autoras africanas lusófonas a publicar e alcançar prestígio nos meios literários lisboetas, a Vera Duarte, uma grande galeria de escritoras vai mudar o perfil do cânone cabo-verdiano, marcadamente masculino por longo tempo.

As escritoras colocam em ação, em seus textos, a mulher cabo-verdiana, seja como protagonista, coadjuvante ou figurante de destaque, documentando a historicidade da participação feminina na construção e no desenvolvimento do país. A fim de que o leitor possa captar a perspectiva desses olhares femininos sobre o cotidiano crioulo, selecionei painéis, cenas e instantâneos que considero antológicos na composição de um coro de “vozes da margem”, organizando-os com o apoio de técnicas das artes plásticas. As autoras/artistas, por meio da magia da técnica literária, pintam verdadeiros retratos do cotidiano crioulo sob uma ótica e um imaginário femininos, objetivando destacar com maior concretitude traços comuns e identitários. Encontram uma outra maneira de ler e escrever Cabo Verde e as “vidas vividas” pelas mulheres que constroem a nação.

Um Cabo Verde “literopintado”

... alguém organizava a paisagem e o tempo que melhor lhe agradassem, com a liberdade de um pintor ou de um contador de histórias. (Dina Salústio)

Cenas:

A ilha-mãe (Fátima Bettencourt, aquarela sobre papel)

Mindelo vai a pouco e pouco tornando-se um estado de espírito. Baixa uma paz sobre mim quando piso este chão e ando pelas ruas, parando metro a metro, para um abraço, uma conversa amável, às vezes um alô apenas. É a minha cidade que me abre os braços e o coração e me sinto no colo mesmo da minha mãe, acalentada e confortada, em perfeita comunhão com todos e comigo mesma.

Filha adoptiva, é como se tivesse dado coices nas suas entranhas, tenho uma dívida impagável para com esta cidade, esta ilha, estes montes pelados, esta gente indômita.

Eu sei que ela está paradona, estagnada, morta, mas as suas tardes continuam cálidas, as suas noites plenas de magia, e aquele toque de morabeza permanece intacto nas suas gentes que, às vezes, se levantam sem saber se verão o sol baixar no Monte Cara antes de porem uma panela de-riba-de-lume. O cati-cati de cada dia, sempre difícil, mas não a ponto de perderem o riso bom, o requiebro do andar, a piada inesperada, o dito picante, a graça infinita. (...)

Bela amante adormecida (...) Quem semeará teus bairros de lares-oficinas, escolas-empresas e abrigará teus velhos, teus loucos, teus meninos sozinhos, teus artistas, tuas prostitutas ainda com a boneca escondida no travesseiro? (BETTENCOURT, 2001, p. 49-51).

A fome (Fátima Bettencourt, carvão sobre papel reciclado)

Entre porcos e balaios pode muito bem ser a síntese da nossa vidinha na busca difícil da cachupa diária, a luta secular “dessa outra gente aí, fraca e miúda” no dizer de Saramago.

O Dr. Baltasar dizia com muita graça e fruto do seu agudo sentido de observação que Caixa Económica de pobre em Cabo Verde é o porco. Mas como? (...) nas fomes que assolaram o Arquipélago no passado houve gente que sobreviveu a comer lagartixas. (BETTENCOURT, 2001, p. 163-164).

A violência contra a mulher (Maria Margarida Mascarenhas, sanguínea sobre tecido)

Levou-a para casa à força de pancada e brutalidade. Cheirava a bebida! (...) Como suportara tantos insultos? Refugiou-se em casa da comadre, mas ele entrou e arrastou-a para fora sem fazer caso aos rogos da comadre. Espancou-a mesmo depois de terem entrado em casa. Os filhos choravam e armou-se um berreiro... o pior de tudo foi a paulada no ouvido. Ainda continuava a ir fazer tratamentos ao Hospital. (MASCARENHAS, 1988, p. 20).

A culinária identitária – milho, pratos típicos, fogão tradicional (Orlanda Amarílis, mosaico sobre tela: colagem de areia, pedras e sementes de milho)

Chiquinha acabou de arrumar as três pedras para o improvisado fogão quase no meio do quintal. Bostas secas de burro, papéis velhos e alguma lenha, arrumados entre as três pedras de granito, dariam a primeira fogueira para a goiabada. (...)

Como eu gostava de ir atrás da titia quando ela ia à despensa. (...) A cozinheira ficava à porta e a titia ia dispondo os gêneros para o dia. Deitava duas medidas de milho. Uma para cuchir a cachupa, outra para moer para as papas. (AMARÍLIS, 1989, p. 95-96).

A mulher, guardiã e preservadora do patrimônio cultural do Arquipélago (Fátima Bettencourt, acrílico sobre tela com textura)

As brinholas, o cuscus, os chás de erva, os licores da Paula atraíram milhares de nacionais e estrangeiros, mobilizaram as câmaras de TV e até ultrapassaram as fronteiras das Ilhas indo parar à Televisão portuguesa, sei lá mais onde, levando consigo momentos de plena cabo-verdianidade. (...) Rebuscando receitas originais antigas, vasculhando papéis e memórias envelhecidas, mas ainda muito nítidas e desenterrando segredos ciosamente guardados *pelas* velhas senhoras da Ilha de Santo Antão, a Paula conseguiu recriar sabores e temperos, gestos e medidas considerados já perdidos para sempre. (BETTENCOURT, 2001, p. 302).

Retratos:

As velhas e a Esmola de Merca (América), Ivone Aída, giz marrom sobre papel pardo

Chegou Sábado o dia das esmolas. Da Ilha da Madeira Fonte de Filipe e Fonte Inês, as velhas começaram a descer para a morada. Ponto de encontro, a calhar. Nha Joana vinha mais à frente, tinha assumido um ar de sofrimento. Trazia uma saia remendada, pés descalços. O lenço às pintinhas azuis, mal lhe cobria os cabelos sujos. Na mão, um cestinho de carriço já esburacado e encardido serviria para arrecadar as esmolas. (...) A pouco e pouco as velhas foram formando grupos de seis, sete e até dez pessoas e enfileiravam-se às portas das lojas esperando. (...) Algumas traziam crianças pelas mãos, iniciando-as já, nessa vida de peditório e miséria. (RAMOS, 1990, p. 64-66).

Mulher anônima (Dina Salústio, carvão sobre papel pardo)

A noite estava serenamente calma e o calor convidava a estar-se a olhar para as estrelas, preguiçosamente (...). De lá das bandas do cemitério uma voz canta uma morna. Tudo normal se a voz não parecesse sair dos intestinos de algum bicho em vez de uma garganta humana, por muito desafinada que fosse. Era de uma mulher, reconheci com mais cuidado. Aliás, eram as vozes de duas mulheres. A segunda faz coro com obscenidades e a desarmonia, o desleixo transparecido e o despudor agridem os ouvidos. (...) Vêm-se aproximando. E estão bêbadas. (...) Sinto raiva. Agora posso vê-las no arco iluminado pelo candeeiro. Parecem-me jovens. (...) A noite não tinha mais magia. Acho que nem estrelas. (...) vou pensando, enquanto desço as escadas. E os passos falam vergonha, humilhação e revolta. E pena. (SALÚSTIO, 1994, p. 46-47 – grifos meus).

Augusta, a Vênus-música (Fátima Bettencourt, acrílica sobre tecido, fauve)

Toda ela era energia pura, os pés descalços não paravam quietos, com os braços roliços abraçava o próprio busto num visível esforço para se conter. Irradiava dela uma chama que na época eu não soube compreender, mas agora não me surpreende que se mantivesse acesa e nítida nas minhas lembranças de muitos anos atrás. (...) Minha mãe, meio desconfiada de tanta alegria de viver, resmungava contra o conteúdo duvidoso de algumas músicas de sua preferência. Até que um dia ela não apareceu no trabalho e mandou uma prima avisar de que estava passando mal por causa da gravidez. (...) o homem que arranjou levou-a para Santo Antão e pô-la a trabalhar na estrada onde apanhou uma tuberculose. (...) Acabou morrendo, deixando o primeiro filho, pois o segundo se fora por conta de uma diarreia ao sol e ao vento das estradas do Porto Novo. A minha mãe tomou conta do garoto e criou. É um dos meus irmãos adoptivos. Vive na Suécia, dedica-se à música nas horas livres, um gosto que certamente apanhou quando boiava no útero materno. (BETTENCOURT, 1994, p. 34-36).

Conceição, a Vênus do pó (Maria Margarida Mascarenhas, óleo espatulado sobre tela)

Conceição amava o deserto. Buscava sempre as achadas descampadas para brincar. O Mar nunca. Banhava-se no pó, sentia as pedras e brincava com as nuvens em permanente mutação ao sabor do vento. (...) Quando as nuvens açuladas pelo vento doido cabriolavam no céu, projectando sombras velozes, Conceição corria desafiando as nuvens, desafiando o vento. (...)

Conceição irrompendo naquela paisagem de sol transparente que crestava a pele, as roupas, o lixo. (...) Quase todos correndo para o Mar. E Conceição sob o sol virada para a Terra. Fincada no chão das Achadas, decorando as pedras. (MASCARENHAS, 1988, p. 14-15).

Ponto final

Do que pudemos depreender da “leitura em diagonal” que essas “mulheres sem medo” – como se define Fátima Bettencourt – fazem do mundo cabo-verdiano, a mulher é força atuante não apenas como mão de obra valiosa nos campos, construções e trabalhos domésticos, mas também na manutenção da família e, do ponto de vista que aqui mais nos interessa destacar, no resgate, na preservação e na transformação do patrimônio cultural crioulo. As cantadeiras das ilhas, ao lado das escritoras que ora estudamos, criam e/ou perpetuam as manifestações culturais cabo-verdianas. Movendo-se entre o cantar e o contar, confundindo-se com a Terra, vão tecendo e semeando o passado e o futuro.

Certamente alguns poderão argumentar que o seu olhar já foi capturado por mulheres esplendorosas, fortes, belas, musicais, sensuais, guerrilheiras da vida que saltam dos textos literários de António Aurélio Gonçalves, Ovídio Martins, Gabriel Mariano (e tantos outros que figuram no cânone crioulo) ou das telas de José Maria Barreto, Kiki Lima, Manuel Figueira, Mito e Tchalê Figueira. Só que, em “moto crescente” a partir dos anos oitenta, as mulheres cabo-verdianas passam a recortar a realidade segundo as suas vivências cotidianas, assumindo o seu protagonismo, a diagonal do seu olhar e a sua própria voz: “agora estão mais alegres, mais espontâneas, mais soltas e seguras” (BETTENCOURT, 2001, p. 237), o que lhes permite que “levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito, injusta e sombria, mas, acima de tudo, MULHER.” (DUARTE, 1993, p. 37).

Abstract

This article aims to study the representation of Cape Verde by female authorship literature, which depicts (reads, draws, paints, sculpts, writes, thinks) its beautiful landscapes, its popular daily life, its women’s profiles, and its cultural richness.

Keywords: Women’s literature; Cape Verde; Cultural representation.

Referências

ALMEIDA, Sara. **Depois telefone**. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1993.

AMARÍLIS, Orlanda. **A casa dos mastros**: contos cabo-verdianos. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.

BETTENCOURT, Fátima. **Semear em pó**: contos. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1994.

BETTENCOURT, Fátima. **Um certo olhar**: crônicas. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2001.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrigada**. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1993.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde: rosto e trabalho femininos na evolução da cultura e da Literatura. In: **O rosto feminino da expansão portuguesa**. Actas do Congresso Internacional. v. 2, Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 275-340, 1995.

GOMES, Simone Caputo. Feminino e poesia africana de língua portuguesa. In: **Mulher e literatura**. Anais do V SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA. Natal: UFRN/Editora Universitária, p. 333-340, 1995.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde: mulher, cultura, literatura. In: **Revista Pré-Textos**. Praia: Associação de Escritores Cabo-verdianos, p. 27-35, dez. 1998.

GOMES, Simone Caputo. A louca de Serrano, de Dina Salústio. In: **Metamorfoses**. Revista da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-afro-brasileiros/UFRJ. Lisboa: Cosmos, p. 277-281, out. 2000.

GOMES, Simone Caputo. Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Org.). **África e Brasil**: letras em laços. 2. ed. São Paulo: Atlântica, p. 97-117, 2000, p. 113-132. 2. ed.; São Caetano do Sul: Yendis, v. 1, 2006.

GOMES, Simone Caputo. Ainda e sobretudo a paixão. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. p. 407-426. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

GOMES, Simone Caputo. Óleo sobre tela: mulher com paisagem ao fundo (a prosa literária de autoria feminina em Cabo Verde). In: BRANDÃO,

Izabel; MUZART, Lupinacci Zahidé (Org.). **Refazendo nós**: ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: EDUNISC, 2003, p. 317-326.

GOMES, Simone Caputo. Lição de crônica: um certo olhar de Fátima Bettencourt sobre o mundo cabo-verdiano. In: LEITE, Ana Mafalda (Org.). **Cape Verde: language, literature & music**. Dartmouth: Portuguese Literary & Cultural Studies, v. 8. University of Massachusetts, 2003. p. 457-461.

GOMES, Simone Caputo. Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança, de Vera Duarte. In: **Metamorfozes**. Lisboa-UFRJ: Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários luso-afro-brasileiros, ago. 2006.

GOMES, Simone Caputo. O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. p. 535-558. 1. ed. v.1. Lisboa: Colibri, 2007.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. Cotia, SP: Ateliê; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

MASCARENHAS, Maria Margarida. **...Levedando a ilha**: contos. Linda-a-Velha: ALAC, 1988.

RAMOS, Ivone Aída Fernandes. **Vidas vividas**. Mindelo: OMCV, 1990.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1994.

SALÚSTIO, Dina. Fragmento de romance inédito. In: **Metamorfozes**. v. 2. Rio de Janeiro: Cátedra Jorge de Sena/UFRJ, p. 73-78, abr. 2001.